



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CENTRO FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA E MUSEOLOGIA
MONOGRAFIA DE CONCLUSÃO DE CURSO**

SOFIA CONCEIÇÃO VILELA DA CUNHA

**A FORMAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO DO “CENTRO CULTURAL
BENFICA-DEC-UFPE”**

**RECIFE-PE
FEVEREIRO/2019**

SOFIA CONCEIÇÃO VILELA DA CUNHA

**A FORMAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO DO “CENTRO CULTURAL
BENFICA-DEC-UFPE”**

Monografia apresentada na disciplina Trabalho de Conclusão de Curso 2 TCC 2 como requisito parcial e obrigatório à obtenção do título de Bacharel em Museologia, pela Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas.

Orientadora: Profa. Dra. Emanuela Sousa Ribeiro.

**RECIFE-PE
FEVEREIRO/2019**

SOFIA CONCEIÇÃO VILELA DA CUNHA

A FORMAÇÃO DO ACERVO MUSEOLÓGICO DO “CENTRO CULTURAL BENFICA”- DEC UFPE

Trabalho de Conclusão de curso exposto na disciplina TCC 2 do curso de Bacharelado em museologia, da aluna **Sofia Conceição Vilela da Cunha** apresentado ao Departamento de Antropologia e Museologia do Centro de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharelado em Museologia.

Aprovada em 26 de fevereiro de 2019.

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof.^a Dr.^a Emanuela Sousa Ribeiro
Orientadora

Prof. Dr. Hugo Menezes Neto
Examinador Interno

Prof. Dr. Luiz Eduardo Pinheiro Sarmiento
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus pela vida, por tudo, pois sem ele nada existiria, e por ter me possibilitado chegar até aqui.

A todos os amigos, parentes e familiares que me deram total apoio diante das crises que passei.

A minha querida mãe Maria José, minha base, meu pai, meus irmãos e toda minha família, a todos os amigos.

A minha querida amiga, chefe, museóloga Penélope Bosio por todo incentivo apoio, ajuda durante não apenas esse trabalho, mas durante todo o meu processo de formação, não tenho palavras suficientes para agradecer. As queridas amigas do curso de Museologia: Marisa Mariano, Waldenice Almeida, Maria Alice, pela amizade, pela ajuda, por tudo.

A toda equipe do centro Cultural Benfica.

A todo o corpo docente do curso de Bacharelado em Museologia, por toda a contribuição durante toda a graduação e durante esse processo final de conclusão, em especial a minha querida orientadora professora, Emanuela Sousa Ribeiro, pela orientação, pela ajuda, por todo apoio e por não ter me deixado desistir, me faltam palavras para agradecer. Obrigada por tudo!

RESUMO

Essa monografia tratou sobre o processo de formação de alguns dos principais acervos existentes no Centro Cultural Benfica (CCB), órgão do Departamento de Cultura (DEC) da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco. A pesquisa foi elaborada principalmente através de fontes documentais primárias, muitas delas encontradas nos arquivos da instituição. No primeiro capítulo abordamos o histórico do CCB e a constituição do acervo museológico, composto por pinturas. No segundo capítulo apresentamos o histórico das três principais coleções da instituição: Coleção Escola de Belas Artes de Pernambuco, Coleção literatura de Cordel, Coleção de cerâmica popular. Nem todas as peças do acervo correspondem às coleções. Sabemos que o modo de aquisição dos objetos se deu a partir de doações, compra e empréstimos entre departamentos, como é o caso de muitas das peças da coleção de Belas Artes. A pesquisa possibilitou essa descoberta que até então não se tinha ciência, apesar ter um documento no arquivo que abordava essa situação.

Palavras-chaves: Centro Cultural Benfica CCB; Coleção Escolas de Belas Artes de Pernambuco; Coleção Literatura de Cordel; Coleção Cerâmica Popular.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

CAC	Centro de Artes e Comunicação
CCB	Centro Cultural Benfica
DAC	Departamento de Assuntos Culturais
DEC	Departamento de Extensão Cultural
EBAP	Escola de Belas Artes de Pernambuco
FUNDARPE	Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco
IAC	Instituto de Arte Contemporânea
UFPE	Universidade Federal de Pernambuco
UR	Universidade do Recife

Sumário

INTRODUÇÃO.....	8
CAPÍTULO 1.....	10
O CENTRO CULTURAL BENFICA E A CONSTITUIÇÃO DE SEU ACERVO	10
CAPÍTULO 2.....	14
A FORMAÇÃO DO ACERVO DO CENTRO CULTURAL BENFICA	14
CAPÍTULO 3.....	18
AS COLEÇÕES DE BELAS ARTES, CORDÉIS E CERÂMICA POPULAR ...	18
CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
REFERÊNCIAS	36

INTRODUÇÃO

O Centro Cultural Benfica (CCB), órgão do Departamento de Cultura (DEC) da Pró-reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal de Pernambuco foi criado no início dos anos 2001, e embora até hoje não exista enquanto instituição formalizada, foi pensado como espaço de produção e articulação cultural integral, ou seja, como atividade de ponta do Departamento de Extensão Cultural.

Importante equipamento cultural da Universidade Federal de Pernambuco, o CCB situa-se às margens do rio Capibaribe, no Bairro da Madalena, cidade do Recife. Ficando fora do Campus Universitário que fica localizado no bairro da Várzea. Foi criado com a finalidade de preservar, difundir e estimular a cultura para a sociedade pernambucana.

O rico acervo museológico que está sob a guarda do DEC, possui obras de artes diversificadas, está salvaguardado e encontra-se documentado a partir de fichas catalográficas individuais e dispõe de sistema informatizado.

Este trabalho analisa o processo de formação do acervo museológico do Centro Cultural Benfica (CCB) no período de 1967 a 1994, buscando compreender como se constituiu a formação de seu acervo museológico no decorrer dos anos.

A ideia do trabalho surgiu a partir da vivência como estagiária do CCB, onde tive a oportunidade de trabalhar diretamente com o acervo no setor de museologia. Ao ser verificado algumas contradições e lacunas existentes na ficha catalográficas dos objetos, essas relacionadas a origem do acervo, me vi instigada a desenvolver a pesquisa.

Na tentativa de costurar e adquirir novas informações, para entender como se deu a formação do acervo, foi iniciada a pesquisa desenvolvida a partir de investigação no próprio arquivo institucional.

Para este trabalho foram consultados o processo de tombamento da edificação, reportagens de jornais, certidão de compra e venda do imóvel, recibos de compra de obras de arte, documentos de empréstimo do acervo, todos documentos no arquivo administrativo do setor de museologia do CCB.

Iniciamos este estudo com investigação acerca do histórico do casarão que abriga o CCB, uma edificação do século XIX de estilo neoclássico tombada pela FUNDARPE em 1981. Também versamos sobre a trajetória do acervo

museológico existente, de como este foi constituído ao longo dos anos a partir das diferentes gestões do DEC, hoje Departamento de Cultura.

O variado acervo que se encontra no CCB, possui um quantitativo de 4.579 obras catalogadas (RELATÓRIO DEC, 2016) e é constituído por pinturas, esculturas, desenhos, tapeçarias, fotografias, mobiliário, folhetos de cordéis de autores variados; obras da antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco; Movimento Armorial; Arte popular, com trabalhos em cerâmica, madeira e gravuras; fotografias do Recife da primeira metade do século XX; ex-votos; brinquedos populares, Arte Contemporânea e coleção fonográfica, numismática, medalhas e troféus. Este acervo forma um importante patrimônio artístico-cultural, com obras de representação da cultura regional, em sua maioria, nacional, mas também internacional. Esse importante acervo foi formado ao longo dos anos, desde a criação do Serviço de Extensão Cultural.

Este trabalho foi desenvolvido em três capítulos. O primeiro corresponde a apresentação do CCB e um apanhado histórico do casarão, edificação na qual está instalado, o modo como foi adquirido pela Universidade para funcionamento de uma Escola de música, os usos do prédio anteriormente a aquisição, o processo de restauro e tombamento do prédio posteriormente a transferência do curso para o campus universitário na várzea.

O segundo capítulo se desenvolve a partir de uma análise da história da formação do acervo museológico constituído a partir do Serviço de Extensão Cultural da Universidade, hoje Departamento de Cultura, que se deu a princípio através de compra de coleções de cerâmica e pintura populares no intuito de fazer parte do acervo de um museu que havia de ser criado dentro do Departamento.

No terceiro capítulo é apresentada a coleção de belas artes, que possui desenhos, pinturas e mobiliário de procedência da Escola de Belas Artes de Pernambuco. Apresentamos assim, as coleções de cerâmica popular e literatura de cordel, que representam as três principais coleções da instituição.

CAPÍTULO 1

O CENTRO CULTURAL BENFICA E A CONSTITUIÇÃO DE SEU ACERVO

O CCB (Centro Cultural Benfica), localizado na Rua Benfica, 157, no bairro da Madalena, Recife, é o nome fantasia de um espaço dedicado às artes, vinculado a Pró- Reitoria de Extensão e Cultura - PROEXC da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Com a missão de fomentar arte e cultura, fortalecendo o elo Universidade – Sociedade, no Centro Cultural funcionam: o Teatro Joaquim Cardozo, o Instituto de Arte Contemporânea (IAC) e o Acervo Museológico, que se encontra documentado e devidamente acondicionado em reserva técnica.

A edificação onde funciona o CCB é um antigo casarão de estilo neoclássico, exemplar remanescente de antigas chácaras de famílias abastadas que residiram naquela localização no século XIX. (FUNDARPE, PROCESSO DE TOMBAMENTO, FLS 52, NUMERO 1025/80).

Das muitas histórias que possui esse prédio, constam reportagens de jornais da década de 1940 e 1950 que neste endereço funcionava a “Pensão Parque Real”. A princípio há informações, no ano de 1946, de um anúncio de aluguel do imóvel sugerindo que esse local era propício para funcionamento de um colégio, pensão ou casa de saúde. (JORNAL PEQUENO, 23 de março de 1946 p. 5). Em seguida, já na década de 1950 constam informações sobre venda do estabelecimento, contratação de funcionários e alugueis de quartos mobiliados na referida pensão:

VENDE-SE a PENSÃO PARQUE REAL, com 32 quartos, todos mobiliados. Motivo da venda a proprietária vai para o sul. Dando uma boa renda. RUA BENFICA.157- Telefone: 28365 (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 19 DE Agosto de 1952).

Este prédio pertenceu a família do artista Lula Cardozo Ayres. No ano de 1958 foi adquirida pela então Universidade do Recife, durante a gestão do professor Joaquim Amazonas (CERTIDÃO DE COMPRA, livro 201, folhas 08v/12v). Com a aquisição, durante a década de 1960 passaram a funcionar

nele as aulas de música, vinculadas à Escola de Belas Artes de PE. Consta em muitas reportagens de jornais dessa década, os cursos ofertados na área de música, e as muitas apresentações artísticas musicais que ocorreram na localidade. Como podemos perceber em uma reportagem destacada abaixo.

Segunda audição do Grêmio Universitário Villa-Lobos, do curso de música da Universidade (Rua Benfica 157) com o seguinte programa de homenagem a Schumann, pelo 150º aniversário de sua morte: 1 parte_ Comentário de Marlete Siqueira sobre o romantismo. Audição dos “Estudos sinfônico”, em gravação de Peter Frankl. II Parte- Comentário de Raquel Ferreira dos Santos sobre a vida e a obra de Schumann. Música ao vivo com Widmung, op. 25 nº 1 e Ich grolle Nicht pelos estudantes Ivo Burégio (canto) e Marlete Siqueira (piano). (DIARIO DE PERNAMBUCO 3 DE SETEMBRO DE 1960).

Porém, em meados da década de 1970, com a criação do Campus Universitário, as aulas de música passaram a funcionar no recém-criado prédio do Centro de Artes e Comunicação - CAC, no bairro da Várzea (UFPE-BR).

Em 1976, houve uma preocupação por iniciativa do professor Marcus Accioly, então diretor do DEC (Departamento de Extensão Cultural) UFPE, durante a gestão do Reitor Paulo Maciel, com o restauro do imóvel para fins de ser utilizado como espaço cultural (FUNDARPE, PROCESSO DE FLS 52 TOMBAMENTO NUMERO 1025/80). Pensou-se em instalar no local o “Museu da Universidade” juntamente com a sede do DEC, que nesse período funcionava na Reitoria da Universidade, no bairro da Várzea.

Devido ao grande acervo artístico que já existia no Departamento e o local pouco apropriado para abrigá-lo, viu-se no casarão um local propício para uma instalação adequada do acervo.

O Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, vai ser transferido da Reitoria (Cidade Universitária) para o prédio da Escola de Artes, na rua Benfica, no próximo mês. A escola passa a funcionar no Centro de Artes, no Campus. O diretor do DEC, poeta

Marcus Accioly, justificou a mudança explicando que no prédio da Benfica há falta de espaço para ensaios dos grupos de música, jogral, coral e outros: o acúmulo de todo o acervo do DEC (quadros, tapeçarias, coleções de folhetos, fotografias e moedas, cerâmicas [...]) (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, p.7,1976).

A partir disso, depois de firmado um convênio entre FUNDARPE (Fundação do Patrimônio Histórico e Artístico de Pernambuco) e UFPE (Universidade Federal de Pernambuco), iniciou-se o processo de restauro do casarão 157 da rua Benfica no mesmo ano, que durou até 1980. (FUNDARPE, PROCESSO DE FLS 52 TOMBAMENTO NUMERO 1025/80).

Durante o restauro, o Departamento de Extensão Cultural, ficou funcionando, provisoriamente, em uma casa alugada pela Universidade, localizada na Rua Joaquim Nabuco, nº 574.

O Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco, agora descentralizado do campus e funcionando provisoriamente na Rua Joaquim Nabuco nº 574, poderá realizar grandes promoções culturais, com a participação de universitários, intelectuais e outras pessoas interessadas em qualquer movimento artístico-cultural. (Diário de Pernambuco, Recife, 29 de julho de 1977).

Com o prédio restaurado, foi instalada no ambiente a sede do Departamento de Extensão Cultural da Universidade, conforme notícia veiculada no Diário de Pernambuco.

O Museu da Universidade Federal de Pernambuco que está sendo instalado na sede Escola de arte, na Rua Benfica, Madalena, por determinação do reitor Paulo Maciel, teve as obras dinamizadas a fim de ser inaugurado no dia 30 de agosto. No mesmo prédio funcionarão o Departamento de Extensão Cultural e a sede regional da Coordenadoria do Ministério de Educação e Cultura (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, p. A 16, 1979).

Em 1980 foi solicitado o pedido de tombamento da edificação à FUNDARPE, devido à sua singularidade, visando protegê-la de uma possível demolição em caso de alienação do prédio. Com suas poéticas palavras o professor Marcos Accioly, em um parecer técnico favorável ao pedido de tombamento, justifica sua solicitação.

Sem dúvida que, já autorizado pela Presidência da República, o destino da casa 157, da rua Benfica, bairro da Madalena, Recife-Pernambuco, seria o de alienação. A sua venda possibilitaria uma obra qualquer no campus universitário e, no local da velha casa, se ergueriam desafiadores espigões, quebrando aquele resto de paisagem às margens do Capibaribe. Era o adeus ao antigo casarão de estilo neoclássico e seus fantasmas e sua quebrada tradição, para que o futuro nascesse. Acontece que o futuro não nasce sem passado nem presente. O futuro não é uma árvore sem raiz, e o tombamento (no sentido de por abaixo) daquela casa era uma verdadeira afronta ao tempo. (PROCESSO DE TOMBAMENTO 1.025/80, FL 52 e 53).

Diante disso, o tombamento foi concedido de acordo com o decreto de número 8554 em 13 de abril 1983, na categoria de edifícios e monumentos isolados, garantindo assim sua proteção “definitiva”, livrando a edificação da alienação. (FUNDARPE, PROCESSO DE TOMBAMENTO NUMERO FLS 1025/80).

Ao longo dos anos a edificação se deteriorou bastante, principalmente devido as ações da chuva. No início da segunda metade da década de 1990, em 1996, o prédio passou por mais um processo de restauro, pois estava bastante danificado. Após o processo de reforma foi reinaugurado no ano de 2001 como “Centro Cultural Benfica”.

CAPÍTULO 2

A FORMAÇÃO DO ACERVO DO CENTRO CULTURAL BENFICA

Neste capítulo abordamos acerca do serviço de extensão cultural, dos gestores que contribuíram com a formação do acervo, que foi adquirido desde os primeiros anos do serviço de extensão com o objetivo de se tornar parte de um museu que se constituiria e do acervo.

O histórico do acervo do CCB inicia-se com a criação do antigo Serviço de Extensão Cultural (SEC), criado por Paulo Freire em 1962, durante o reitorado do professor João Alfredo. De acordo com a portaria nº2, de 6 de fevereiro de 1962, da Universidade do Recife, hoje UFPE. Em 1964, o SEC passou a denominar-se DEC – Departamento de Extensão Cultural, atualmente Diretoria de Cultura.

Visando preservar, estimular e difundir cultura e educação para a sociedade, ao longo desses 55 anos de existência, percebemos que importantes intelectuais como Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna, Marcus Accioly, Murilo Domingues, entre outros professores universitários que estiveram à frente da gestão deste departamento, preocuparam-se com a formação de um acervo artístico-cultural que pudesse ser usufruído pela sociedade, buscando integrar o erudito e o popular.

O variado acervo que se encontra no CCB, possui um quantitativo de 4.579 obras catalogadas (RELATÓRIO DEC, 2016) e forma um importante patrimônio artístico-cultural, com obras de representação da cultura regional, em sua maioria, nacional, mas também internacional. Esse importante acervo foi formado, ao longo dos anos, desde a criação do Serviço de Extensão Cultural através das diferentes gestões do DEC (Departamento de Extensão Cultural), hoje Diretoria de Cultura da Proexc, através de compra e doação dos próprios artistas, parentes e seus familiares.

O acervo do CCB é constituído por pinturas, esculturas, desenhos, tapeçarias, fotografias, mobiliário, folhetos de Cordéis de autores variados; obras da antiga Escola de Belas Artes de Pernambuco; Movimento Armorial; Arte popular, com trabalhos em cerâmica, madeira e gravuras; fotografias do

Recife da primeira metade do século XX; ex-votos; brinquedos populares, Arte Contemporânea e coleção Fonográfica, medalhas e troféus.

Fazer o levantamento de como se constituiu o acervo da hoje Diretoria de Cultura, não é tarefa fácil, devido à carência de documentos de compras e doação sobre a maior parte dele, fato bem comum na maioria dos museus. No entanto, de acordo com os poucos documentos existentes verificamos que a maioria das obras do acervo foram adquiridas durante a gestão de Hermilo Borba Filho, Ariano Suassuna e Marcus Accyoli.

Um dos documentos mais antigos com informações sobre o acervo corresponde a uma prestação de contas com recibos de venda de parte de coleções adquiridas de colecionadores, datada de 1967.

A aquisição dessas obras tinha o objetivo de formar o acervo de um museu universitário instituído dentro do Departamento que seria intitulado “Museu de Artes de Tradições Populares e Eruditas da Universidade”. Isso ocorrera durante a gestão de Hermilo Borba Filho, teatrólogo, dramaturgo, pesquisador e entusiasta da cultura popular.

DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO CULTURAL

Prestação de Contas que faz o Departamento de Extensão Cultural (DEC) referente ao adiantamento feito pelo U.F.P. para a criação do Museu de Artes e Tradições Populares e Eruditas da Universidade Federal de Pernambuco. (PRESTAÇÃO DE CONTAS OF 64/DEC/67-19467).

Segundo consta no documento, foram adquiridos através de compra importantes coleções de cerâmicas dos colecionadores de arte popular, Arquiles Wanderley, Roberto Rosa Borges e Antônio Oliveira. Do primeiro, foram adquiridas obras raras de Mestre Vitalino, Porfírio Faustino, Manuel Eudócio, Zé Caboclo, anônimos, entre outros. Do segundo, uma importante coleção de Mestre Vitalino. Do terceiro, desenhos de Francisco da Silva. (PRESTAÇÃO DE CONTAS OF 64/DEC/67-19467)

Vê-se, a partir da aquisição, que houve de fato preocupação com a formação de um acervo de caráter regionalista, sendo a maioria das obras adquiridas de artistas pernambucanos.

Durante a gestão de Ariano Suassuna, 1969 – 1974, foram adquiridas gravuras e pinturas de Gilvan Samico, tapeçaria de Francisco Brennand, pinturas de Aluizio Braga, gravuras e matrizes de Francisco José Borges, entre outros. Nesse período se constitui o acervo conceituado por ele de Arte Armorial.

A Arte Armorial Brasileira é aquela que tem como traço comum principal a ligação com o espírito mágico dos “folhetos” do Romanceiro Popular do Nordeste (Literatura de Cordel), com o Música de viola, rabeca ou pífano que acompanha seus “cantares”, e com a xilogravura que ilustra suas capas, assim como com o espírito e a forma das Artes e espetáculos populares com esse mesmo Romanceiro relacionados”. (JORNAL DA SEMANA DO RECIFE, 20 de maio, 1973 APUD SUASSUNA, Recife 1974).

Na gestão do professor e poeta Marcus Accioly, 1975 – 1981, que também participou do Movimento Armorial, foi dada continuidade a aquisição de obras de artistas regionais incentivando a produção dos artistas locais. Assim, foram adquiridas através do departamento, esculturas, pinturas, folhetos cordéis de variados artistas. Dentre eles, esculturas e pinturas de Fernando Lopes da Paz, pinturas de Fernando José Torres Barbosa, esculturas de Manuel de Camaragibe, entre outros.

O período de gestão do professor Marcus Accioly também coincide com o fechamento da EBAP na rua Benfica e transferência de suas atividades para o campus universitário no bairro da Várzea. Tendo a escola um significativo acervo de arte moderna e mobiliário, o gestor solicitou estes acervos no intuito de fazer parte do museu universitário que passaria a funcionar na casa de número 157 da Rua Benfica.

A partir disso, foi concedido por empréstimo do Centro de Artes e Comunicação para o Departamento de Extensão Cultural o acervo solicitado que incluía, pinturas, desenhos e mobiliário. Assim adquiriram-se obras de artistas pernambucanos e estrangeiros, professores e alunos da EBAP, e outros, obras que faziam parte da pinacoteca existente na escola.

Na lista de obras de arte modernas adquiridas, que hoje corresponde a 52 trabalhos, verificamos pinturas de Guttman Bicho, Fédora do Rêgo Monteiro, Francisco Brennand, Telles Junior, Aluizio Magalhães, Eliseu Visconti, Balthazar da Câmara, desenhos de Murillo La Greca, entre outros.

CAPÍTULO 3

AS COLEÇÕES DE BELAS ARTES, CORDÉIS E CERÂMICA POPULAR

Neste capítulo, apresentamos três importantes coleções do CCB, são elas: a coleção de Belas artes, com trabalhos artístico e mobiliário de procedência da antiga Escola de Belas artes de Pernambuco; a coleção de literatura de Cordel, e a coleção de cerâmica popular que contém trabalhos de muitos ceramistas nordestinos, em sua maioria pernambucanos.

Coleção EBAP

Criada a partir do ímpeto de alguns artistas e intelectuais pernambucanos em 1932. Nascida a partir da idealização de um sonho, a Escola de Belas Artes de Pernambuco foi uma importante instituição de ensino das artes com cursos de desenho, pintura, escultura e arquitetura. Gerada aos moldes da antiga Escola Nacional de Belas Artes no Rio de Janeiro, esta fora a primeira deste segmento no norte-Nordeste (GALVÃO, 1956, p. 13).

Em 1946, com a criação da então UR- Universidade do Recife, hoje UFPE, a Escola foi agregada a instituição pública tendo seus cursos recebido status de superior passando a denominar-se Escola de Artes da Universidade do Recife. Suas atividades na sede do casarão 151 da rua Benfica encerraram-se em 1978, quando os cursos foram transferidos para o CAC no campus universitário, Bairro da Várzea. (LUCIO, 2011)

No decorrer de seu funcionamento, muitos alunos e professores artistas passaram pela Escola. Nela formaram-se grandes nomes da arte pernambucana e brasileira. Com seu fechamento, o acervo artístico ficou sobre a guarda do CAC e parte dele encontra-se hoje aos cuidados do Departamento de Cultura, no CCB.

A história dessa coleção que contém pinturas, gravuras e desenhos está atrelada aos primeiros anos de funcionamento da escola, quando na gestão do professor Joel Galvão que esteve à sua frente durante os anos de 1936 a 1943 (GALVÃO, 1956, p. 55), houve de sua parte uma iniciativa de criação de uma pinacoteca, que foi instalada no antigo salão nobre da Escola (GALVÃO, 1956, p. 27-28).

A formação do acervo da pinacoteca iniciou-se a partir de doações dos próprios professores que foram incentivados a contribuir com obras de sua autoria. Assim, foram recebidos trabalhos doados pelos artistas Fédora Monteiro Fernandes, que contribuiu com duas pinturas, Baltazar da Câmara, Mario Tulio, Mario Nunes, entre outros. Abaixo podemos visualizar como se deu esse processo nas palavras do próprio Galvão:

Transformei o antigo salão nobre, de aspecto tão agressivo, em Pinacoteca. [...] O pintor Baltazar da Câmara ofereceu o quadro “O Fim do romance”; pelo pintor Mário Nunes, o quadro “Convento do Santo Cristo de Ipojuca”; o pintor Mario túlio, uma natureza morta; a pintora Fédora Monteiro Fernandes, dois retratos de seus irmãos, o pintor Joaquim do Rêgo Monteiro e a escritora Débora Monteiro Bastos, todos a óleo. Havíamos conseguido um valioso presente do engenheiro Carlos Alberto Machado, o quadro a óleo de autoria do consagrado autor alagoano, Rosalvo Ribeiro. O pintor Murilo La Greca ofereceu uma paisagem de sua autoria; na exposição do professor Mario Nunes, adquiri dois quadros a óleo, intitulados, respectivamente. “Fundo do Convento de são Francisco (Olinda)” e “Barcaças”. O salão Nobre com o seu rico mobiliário que adquiri e a instalação de sua pinacoteca, oferecia ao público um aspecto atraente e deslumbrante. Procegui na campanha como veremos adiante. (GALVÃO, 1956, p. 27-28).

Para ampliar o acervo da EBAP, o Diretor Galvão também adquiriu muitas obras de outros artistas brasileiros e estrangeiros, em uma viagem realizada por ele ao Rio de Janeiro em 1936 (GALVÃO, 1956, p. 31-32).

Galvão fez uma relação do acervo adquirido, com o nome dos artistas e as obras, mas não constam os títulos das obras. Em alguns casos repetem-se os nomes dos autores, como se cada repetição correspondesse a uma obra. Podemos ver abaixo a lista das obras e artistas citadas por ele:

(...) Abaixo vê-se a relação de quadros e gesso obtidos no Rio
Manuel Santiago (óleo); Aídeia Santiago (óleo); Hilda

Campofiorito (óleo); Georgina Albuquerque (óleo); Georjin Albuquerque (óleo); Lúcido Albuquerque (óleo); Jordão de Oliveira (óleo); Sarah Vilela Figueiredo (óleo); Osvaldo Teixeira (óleo); Armando Viana (óleo); Vicente Leite (óleo); Euclides Fonseca (óleo); U Cavina (Gesso); Correia Lima (gesso); Cópia de Donatello (gesso); E. Visconti (óleo); Alfredo Galvão (óleo); Alfredo Galvão (pastel); Alfredo Galvão (aquarela); Ivone Visconti (óleo); Louise Visconti (óleo); Maria Francelina (óleo); Maria Francelina (óleo); Maria Francelina (óleo); Maria Francelina (óleo); Pedro Bruno (óleo); Gutmam Bicho (óleo); Rodolfo Almoedo (óleo); Henrique Bernadelli (óleo); Hélio Selinger (óleo); Saldanha da Gama (...) Estes trabalhos nada custaram a Escola (GALVÃO, 1956, p. 32).

Muitas outras obras de alunos e professores foram adquiridas no decorrer do funcionamento da EBAP. Quando houve o fechamento da Escola, parte do acervo artístico foi solicitado pelo então Diretor do DEC, o professor Marcus Aciolly com o objetivo de integrar o Museu Universitário, que estava em processo de criação (OFÍCIO 44/77 DEC).

Em um documento datado de 1979, existe uma relação do acervo do CAC que foi transferido por empréstimo ao DEC, nele encontram-se 74 obras, contendo informações de autoria, título, dimensões e técnica artística. A maioria das obras corresponde a óleo sobre tela, mas também desenhos e monotípias (DOCUMENTO DE TRANSFERÊNCIA DE ACERVO, 1979).

Conferindo o acervo do CCB e comparando com o documento citado acima, verificamos que muitas das obras já não se encontram no CCB, e que o acervo existente corresponde a 60 obras. Não temos informação da localização de 10 das 14 demais obras que estão na lista de transferência.

Abaixo, podemos visualizar uma tabela com informações dos nomes dos artistas, a quantidade de obras de cada artista e técnica utilizada em cada obra.

Obras de arte de procedência da EBAP		
AUTOR	QUANTIDADE DE OBRAS	TÉCNICA
Miguel Torres	1	Óleo sobre tela
Maria Francelina	1	Óleo sobre tela
John Henry Elliott	1	Óleo sobre papelão
Balthazar da Câmara	8	6 Óleo sobre tela 1 óleo sobre madeira 1 carvão sobre papel
Elizeu d'Angelo Visconti	1	Óleo sobre tela
Augusto Bracet	1	Óleo sobre tela
Jerônimo José Teles Junior	1	Óleo sobre cartão
Galdino Guttmann Bicho	1	Óleo sobre tela
Murilo La Greca	3	1 óleo sobre tela 2 carvão sobre papel
Francisco Brennand	3	Óleo sobre tela Óleo sobre aglomerado
Ivone Visconti	1	Óleo sobre tela
Daura Melo	1	Óleo sobre tela
Sara Vilela de Figueredo	1	Óleo sobre tela
Ladajane Bandeira de Lira	2	1 Óleo sobre madeira 1 Óleo sobre tela
Alvaro Santos	2	Óleo sobre tela
Reynaldo de Aquino Fonseca	4	2 Óleo sobre tela 1 Óleo sobre papel sobre aglomerado 1 Água forte sobre papel
Afrânio Oliveira	1	Óleo sobre tela
Oswaldo Teixeira	1	Óleo sobre tela
Armando Martins Viana	1	Óleo sobre tela
Marlina	1	Óleo sobre tela
Ísidio Queralt Pratt	1	Óleo sobre tela
Euclides Fonseca	3	Óleo sobre tela

Vicente Aires Araújo	1	Óleo sobre tela
Orval	1	Óleo sobre tela
Petrônio dos Santos	1	Óleo sobre compensado
Manuel de Assunção Santiago	1	Óleo sobre tela
Não identificado	2	1 óleo sobre tela 1 óleo sobre tela sobre compensado
Mauriceia Walfrido	1	Óleo sobre cartão
Vicente do Rêgo Monteiro	2	Monotipia
Dimitri Smailovitchi	1	Óleo sobre tela
Alfredo Norfini	1	Aquarela sobre papel
Alfredo Galvão	1	Aquarela sobre papel
Fulvio	1	Óleo sobre tela
Fédora Monteiro Fernandes	2	Óleo sobre tela
Georgina Moura Andrade de Albuquerque	1	Óleo sobre tela
Mario Túlio	1	Óleo sobre tela
Mario Nunes	2	Óleo sobre tela
Eliezer Xavier	1	Óleo sobre tela
Total	60	

Tabela desenvolvida pela autora a partir da conferência do acervo na reserva técnica do CCB e das informações contidas no SICAM (Sistema de Catalogação do Acervo Museológico).

Comparando a lista com um levantamento de obras artísticas realizado em toda Universidade no início dos anos 2.000 descobrimos que quatro delas encontram-se no prédio da Reitoria da UFPE que fica localizado no campus universitário, Bairro da Várzea. As obras, que estão localizadas no gabinete do Reitor, são pinturas a óleo dos artistas Pedro Bruno, Giordano Severi, Zaida de Souza e Laerti Baldine (COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DAS OBRAS DE ARTE, VOLUME 05, 2004)

Aos cuidados da Diretoria de Cultura, localizada no CCB, todas as obras de arte encontram-se catalogadas museologicamente a partir de fichas catalográficas individuais. Recentemente sete delas passaram por intervenção de restauro e outras precisam ser restauradas.

Mobiliário da EBAP

Com um quantitativo inicial de 88 peças, hoje 83, o acervo de mobiliário da EBAP foi também adquirido pelo DEC, hoje diretoria de cultura (PORTARIA N 2 2015 Art: 3), durante a gestão do professor Marcus Accioly no ano de 1977 que o solicitou ao Diretor do Centro de Artes e Comunicação e foi cedido por empréstimo no intuito de fazer parte do acervo do museu que estava em formação. (OFÍCIO 2554, 1977).

No Ofício que solicita o acervo, o professor Accioly informa que este encontra-se abandonado “entregue ao pó e as traças” no casarão 151 da Benfica. No documento, que contém uma lista das peças solicitadas - incluindo cadeiras, mesas e consolos, é destacado que algumas das cadeiras encontram-se quebradas. Assim, é informando o comprometimento do DEC com a preservação e restauro do acervo requerido. (OFÍCIO 2554, 1977).

Todo acervo mobiliário atualmente existente é composto por cadeiras, mesas e consolos, confeccionado em madeira, couro, palha e mármore. Abaixo podemos verificar um quadro desenvolvido após conferência do acervo.

LISTA DE MOBILIÁRIO PROVENIENTE DA ESCOLA DE BELAS ARTES DE PERNAMBUCO ADQUIRIDA EM 1977*		
MOBILIÁRIO	QUANTIDADE EM 1977	QUANTIDADE EM 2017
Cadeiras de madeira com assentos e encosto em couro	40	40
Cadeira de espaldar alto de madeira e couro	17	17
Cadeira com braços, fixa espaldar alto para presidente	1	1
Mesa para reunião, em madeira torneada com 3 gavetas dimensões 2,71x 0,83x 0,80	1	1
Cadeira com braços, fixa espaldar alto para presidente	1	1

Cadeiras sem braços em madeira com detalhes em laços encosto e assento em palhinha	1	1
Cadeiras sem braços em madeira com detalhem em laços encosto e assento em palhinha	1	1
Mesa de madeira com tampo de mármore branco com formato oval. Dimensões 1,06x0,60x0,80	1	1
Cadeiras sem braços em madeira com detalhem em laços encosto e assento em palhinha	6	6
Sofá com braços (marquesão), com detalhes em laço assento e encosto em palhinha	1	1
Consolos em madeira trabalhada com pedra mármore branca	6	5
Cadeiras com braço fixa em madeira, ornada com laços assento e encosto em palhinha	02	2
Cadeira com braços fixa em madeira trabalhada assento e encosto em palhinha, formato único	1	1
Cadeira sem braços em madeira trabalhada em madrepérola assento e encosto em palhinha	1	1
Cadeiras sem braços em madeira torneada assento e encosto em palhinha, ornamento em flores	6	3
Cadeira com braços em madeira assento e encosto em palhinha	1	1
TOTAL	87	83

Tabela feita pela autora a partir da lista de materiais recebidos segundo o termo de responsabilidade provisória número 62/77.

Verificamos a partir da tabela acima que houve perda de parte do acervo. Toda essa mobília destacada na tabela acima era utilizada por alunos e professores da EBAP. As cadeiras de madeira com assentos e espaldar em couro foram exclusivamente encomendadas no ano de 1938 ao “Liceu industrial”, para compor a o Salão Nobre da Escola. Todas foram produzidas sob a direção do artista Gustavo Dionísio da Silva, professor do Liceu. (GALVÃO Joel, p 34, 1956)

Após ter reformado o salão nobre, o Diretor Galvão percebeu que a mobília existente, que tinha sido doação de algumas associações do Recife, já não era condizente com a sala reformada. A partir disso, solicitou alguns orçamentos com o intuito de adquirir uma mobília feita exclusivamente para a Escola.

O valor mais viável para confecção da mobília foi o do “Liceu Industrial”, mas não havia recurso financeiro suficiente para aquisição. Assim, o Diretor recorreu ao Prefeito da Cidade do Recife para contribuir no projeto de aquisição da mobília propondo o valor de quinze mil cruzeiros, mas recebeu a importância dez mil cruzeiros, (Cr\$ 10.000,00). Galvão também conseguiu junto ao Liceu industrial uma redução do valor da encomenda que resultou no custo final por onze mil e quinhentos Cruzeiros (GALVÃO, 1956, p. 33-34).

Transformadas em acervo museológico, todas as peças do mobiliário estão registradas com um número de identificação (número de tombo), recebidas pela divisão de patrimônio da universidade, diferentemente do que ocorreu com as pinturas que também pertenciam a Escola e estão documentadas individualmente a partir de fichas catalográficas e inseridas dentro do sistema informatizado do acervo. Apenas recentemente, em 2017, o mobiliário foi catalogado através de fichas individuais e inseridas no sistema de catalogação do acervo museológico do Centro Cultural Benfica. Em 2017 foi realizada uma mostra com parte deste mobiliário após passar por um processo de higienização mecânica. Atualmente esta mostra continua sendo exibida no primeiro andar do CCB.

Obras da coleção



Autor: Sara Vilela de Figueiredo
Título: Retrato do Pintor Marques Jr
Dimensões: 102,3 x 70,6 cm c/moldura: 119,5 x 87,0 cm
Técnica: óleo s/ tela
Ano de Execução: Sem data
Fonte: Acervo SICAM DEC-UFPE



Autor: Baltazar da Câmara
Título: Epílogo do Romance
Dimensões: 130,5x100,5 cm
Com moldura: 159,5x130,0
Técnica: óleo sobre tela
Ano de execução: 1930
Fonte: Acervo SICAM DEC-UFPE



Autor: Sara Vilela de Figueiredo
Título: Retrato do Pintor Marques Jr
Dimensões: 102,3 x 70,6 cm c/moldura: 119,5 x 87,0 cm
Técnica: óleo s/ tela
Ano de Execução: Sem data
Fonte: Acervo SICAM DEC-UFPE

Obras da coleção



Retrato n°1
Ator: Reinaldo de Aquino Fonseca
Técnica: óleo s/tela
Dimensões: 54,3 x 44,5 cm
Ano de execução: 1952
Fonte: Acervo SICAM DEC-UFPE



Autor: Eliezer Xavier
Título: Paisagem com Montanhas
Dimensões: 49,5 x 67,6 cm c/moldura: 63,2 x 81,5 cm
Técnica: óleo s/ tela
Ano de Execução: 1935
Fonte: Acervo SICAM DEC- UFPE



N° de registro: 00046
Autor: Vicente Aires de Araujo
Título: Barcos
Dimensões: 52,8 x 72,7cm
Técnica: óleo s/tela
Ano de Execução: 1955
Fonte: Acervo SICAM DEC- UFPE

A coleção de cordéis

Com sua origem na oralidade, os cordéis são literaturas estruturadas em forma de versos que narram fatos históricos, políticos, sociais e ficções, como novelas (SILVA, p 12, 2007)

A coleção de cordéis tem hoje um quantitativo de 3.784 exemplares catalogados, e mais de três mil títulos. Essa corresponde numericamente a maior coleção existente no CCB. A construção desse acervo foi iniciada durante a gestão do professor Ariano Suassuna e ampliada por Marcus Accioly e Moisés Andrade.

No jornal Diário de Pernambuco em 1976, é destacada a importância da contribuição do professor Ariano Suassuna para o DEC- UFPE, por ter ajudado no ressurgimento da literatura de Cordel, no período que foi gestor.

O ressurgimento da Literatura de Cordel foi por Ariano Suassuna uma das realizações mais importantes da sua administração à frente do Departamento de Extensão Cultural da Universidade Federal de Pernambuco[...] (DIÁRIO DE PERNAMBUCO, 1976).

De acordo com informações contidas na edição especial do Jornal Universitário da UFPE, que aborda sobre a nova sede do DEC que na ocasião estava sendo inaugurada no bairro das Graças, no ano de 1977, onde funcionou durante o tempo em que a casa 157 da Rua Benfica estava em reforma, esta coleção já tinha mais de três mil exemplares.

Cerca de três mil folhetos compõem a coleção de literatura de cordel, pertencente ao DEC. São de autoria dos mais conhecidos e famosos poetas populares e folheteiros do Nordeste. Narram e descrevem lendas, fatos históricos, políticos, gestas do cangaço, assuntos místicos (Padre Cícero e Frei Damião são figuras centrais) contendas que se tornam públicas, muitas delas motivadas em casos de amor (JORNAL UNIVERSITÁRIO, Pág 10, 1977).

No ano de 1994, durante a gestão do professor Moisés Andrade que esteve à frente do DEC durante os anos de 1993 a 1995, planejou-se o aumento do acervo museológico do Departamento.

No plano de trabalho feito por ele planeja-se entre outros objetos a aquisição de 1.000 exemplares de Literatura de Cordel, como podemos ver abaixo.

Ampliação do acervo do DEC

O Departamento de Extensão Cultural dispõe de um rico acervo(...) estima-se que estes acervos possam ser ampliados em 1994, notadamente:

6.1 Aquisição de 900 cópias de xilogravuras populares

6.2 aquisição de 1000 cordéis.

6.3 aquisição de 50 presépios populares pernambucanos

6.4 aquisição de 100 peças de cerâmica utilitária pernambucana

(PLANO DE TRABALHO DO DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO CULTURAL, Moisés Andrade, 1994).

Apesar do planejamento do acervo que se pretendeu adquirir, as cerâmicas, xilogravuras e presépios não foram adquiridos, pois, não constam no Departamento nenhuma informação, nem documento a respeito. Mas foram obtidos os cordéis em uma quantidade menor do que o previsto. Como podemos ver abaixo no levantamento realizado no mesmo ano:

Esta coleção foi adquirida no ano de 1994 pelo departamento de extensão cultural da Universidade Federal de Pernambuco, (DEC-UFPE) (...) para acréscimo da coleção já existente neste Departamento.

Esta coleção compreende 313 folhetos singulares. Com duplicatas o total de exemplares sobe para 431 folhetos.

A coleção aborda variados temas, entre outros, a guerra contra o Iraque, o cometa Halley, as enchentes do recife, catástrofes urbanas (incêndios enchentes...), obras públicas (metrô do recife, estradas, açudes), a corrupção, a carestia, a reforma agrária, a criança de rua, a AIDS, a eleição de Collor, a devoção do Senhor do Bonfim, a macumba da Bahia, Frei Damião, os

cangaceiros Lampião, Antonio Silvino, Maria bonita, biografias (Rui Barbosa, Carlos Gomes, Edson carneiro, Ascenso Ferreira...) a abolição, “costumes escandalosos”, etc. (CATALOGO DEC, 1994).

Na relação do acervo adquirido em 1994 encontram-se obras de diversos cordelistas, como Anistaldo Lins, Derlane Monteiro, Firmino Teixeira do Amaral, Isaias Moreira (Ismoca), João Gomes de Carvalho, João Martins de Atayde, José Ferreira (Dila), José Francisco Borges, Leandro Gomes de Barros, Luiz Gonzaga de Lima, Zeca Zeferino, Zezé Folheteiro, anônimos, entre outros (RELATÓRIO DEC, 1994).

Nos demais cordéis adquiridos nas gestões anteriores encontram-se obras raras do início do século XX como as de Leandro Gomes de Barros, paraibano, radicado em Pernambuco, considerado por muitos como um dos primeiros escritores brasileiros de cordéis. Abaixo podemos visualizar uma tabela com seus exemplares raros que se encontram na coleção.

Obras raras de Leandro Gomes de Barros	
TITULO	ANO
“O casamento-conclusão da força do amor”,	1904
“O balão, As manhas de uma viúva, Padre Nosso do imposto O caçador e A virgem no Deserto”	1906
“Batalha de Ferrabrás com Oliveiro”	1909

Tabela Desenvolvida pela autora a partir de informações do SICAM (sistema de catalogação do acervo museológico)

Esta coleção vem passando por um processo de higienização e acondicionamento, projeto iniciado pela Museóloga Penélope Bósio, que consiste em verificar o estado de conservação, realizar um processo de higienização mecânica e modificar o suporte de envelope atual em que estão acondicionados para um envelope feito a partir de material específico com ph neutro, papel filifold documenta, visando assim uma maior preservação da coleção. Com este trabalho constatou-se que muitos dos exemplares encontram-se em estado de deterioração, devido à ação do tempo.

A coleção de cerâmica popular

Contendo 316 peças esta coleção possui brinquedos e esculturas em terracota crua, cozida, policromada e natural. São trabalhos de artistas populares nordestinos, reconhecidos e anônimos, em sua maioria pernambucanos.

Esses artistas eram residentes em zonas rurais entre o agreste e a zona da Mata e muitos desenvolveram seus trabalhos principalmente durante a primeira metade do século XX.

A maior parte da coleção foi adquirida durante a gestão de Hermilo Borba Filho em 1967. Com o intuito de tornar-se acervo do “Museu de artes e tradições populares da Universidade Federal de Pernambuco”, foram adquiridas peças de cerâmicas das mãos de importantes colecionadores de obras de arte pernambucanos Arquiles Leal Wanderlei e Roberto Rosa Borges.

Este acervo foi ampliado por Ariano Suassuna, durante o período que foi gestor do DEC. Consta em um levantamento realizado em 1997 que o então Diretor adquiriu 38 obras da ceramista Cícera Maria de Araújo, artesã cearense popularmente conhecida por Ciça Loicera, das mãos da própria artesã, em 1973. (RELATÓRIO DEC, 1997).

O acervo possui obras raras de Mestre Vitalino, Zé Caboclo, Lídia de Tracunhaém, Porfírio Faustino, Nuca de Tracunhaém, entre outros. São obras que possuem temática que retratam muito do cotidiano vivenciado por seus autores.

Nas obras do mestre Vitalino, artista natural de Caruaru, considerado um dos primeiros ceramistas pernambucanos a ter suas obras reconhecidas (JORNAL UNIVERSITÁRIO, Pág 6, 1977), encontramos representações de bois, cenas de pessoas em consultório médico, de caçadores, ladrões, cangaceiros, ritos de passagens como nascimento, casamento e morte, entre outros.

PROCEDÊNCIA	AUTORIA DAS OBRAS	QUANTIDADE DE PEÇAS
Achilles Leal Wanderley	Mestre Vitalino	35
Roberto Rosa Borges	Mestre Vitalino	22
	Porfírio Faustino	97
	Lídia de Tracunhaém	25
	Manuel Eudócio	1
	Zé Caboclo	28
	José Rodrigues	2
	Antônia Leão	1
	Desconhecidos	60*
Ciça Loicera	Ciça Loicera	38
	Total	275
		*das 60 peças de autoria desconhecidas 22 cerâmicas de brinquedos são atribuídas à Mestre Vitalino

Artista	Quantidade de obras
Vitalino	44
Porfírio Faustino	97
Nuca de Tracunhaém	1
Lídia de Tracunhaém	25
Manuel Eudócio	1
Zé Caboclo	28
José Rodrigues	2
Antônia Leão	1
Cícera Maria	38
Anônimos	60
Fernando Lopes da Paz	1

Tabela desenvolvida pela autora a partir das informações contida no Sistema de catalogação do acervo museológico – SICAM

Esta coleção passou por intervenção de restauro realizado pelo Laboratório de Pesquisa, Conservação e Restauração de Documentos e Obras de Arte – (Laborarte) – Fundação Joaquim Nabuco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho de pesquisa dos acervos museológicos é uma necessidade constante e é de primordial importância, dado a riqueza cultural existente e as possibilidades de produção e formação de conhecimento que podem ser desenvolvidos a partir do maior conhecimento do acervo. Apesar dessa importância, muitas vezes a pesquisa não é preocupação de muitas instituições, que priorizam os processos de comunicação através das exposições, que por vezes se utilizam de pesquisas superficiais.

A pesquisa está presente em todas as etapas do processo museológico dentro da tríade estabelecida pela museologia: pesquisar, comunicar e preservar.

Podemos verificar que houve uma crescente demanda de pesquisas nos últimos anos. Constatamos isso ao observar a quantidade e qualidade de trabalhos dentro do campo museológico que têm sido desenvolvidos e apresentados nos últimos tempos. Podemos atrelar esse crescimento ao fortalecimento do campo museal em muito aos cursos de museologia, visto que muitas das contribuições de pesquisas vem sendo realizadas por alunos e profissionais museólogos, isto devido à importância do curso e da profissão que é habilitada para este fim. Verificamos com isso a grande importância do profissional para a instituição museu.

Desde o início dos anos 2000 o Centro Cultural Benfica tem tido o privilégio de poder contar com a contribuição de um profissional museólogo, isto tem influenciado de modo positivo para que ações de preservação possam ser realizadas.

Podemos considerar o CCB como instituto de pesquisa, isso devido as ações de pesquisas que se desenvolvem dentro dele. O acervo existente no CCB não serve apenas a comunidade acadêmica, mas a sociedade como um todo, estando disponível para a população a partir das ações culturais que tem se desenvolvido a partir de projetos e exposições que se dão de forma gratuita, por se tratar de um espaço de extensão na Universidade.

Este trabalho contribui para entender um pouco da dinâmica deste processo, dada a importância da história da trajetória de seus acervos não

apenas para as instituições culturais, mas para a sociedade como um todo a quem dizem servir estas instituições.

Entender os processos de formação do acervo é também uma tentativa de compreensão social, pois sempre existe uma história por trás das coisas e uma intencionalidade nisto. No caso do acervo museológico do Centro Cultural Benfica, este trabalho contribui para o conhecimento desse processo de formação do acervo, de modo que muitas descobertas puderam ser realizadas.

Anteriormente a pesquisa muitas questões sobre o casarão e o acervo eram especuladas, mas não se tinha certeza devido a informações contraditórias, a exemplo do histórico do casarão que, especulava-se ter pertencido a Lula Cardozo Ayres- artista plástico pernambucano. Com o acesso ao documento, certidão de compra do imóvel, pudemos constatar que havia pertencido a uma tia e que ele era um dos herdeiros do imóvel.

A partir deste trabalho podemos entender que o processo de agregação do acervo da coleção de belas artes ao DEC se deu por vias de empréstimos durante a gestão de Marcos Accioly, dado que mitos deles estavam abandonados após o fechamento da EBAP. Descobrimos também que apesar de em muitas das fichas catalográficas constar que o acervo de cerâmica popular ter sido adquirido por Ariano Suassuna, foi na realidade adquirido anteriormente durante o curto período da gestão do também teatrólogo Hermilo Borba filho. É interessante destacar a contribuições desses agentes gestores na concepção do acervo.

Mostramos, a princípio, a ideia de criação do Centro Cultural Benfica, o histórico de ocupação do casarão, posteriormente o processo de formação das coleções, com destaque aos agentes contribuidores e apresentamos alguns dos acervos da instituição.

Este trabalho não se encerra por aqui, podendo ser dado continuidade para o desenvolvimento de novas pesquisas. Qual a razão de ser do museu? Quais a importância de se preservar tantos objetos?

Muitas das peças do acervo correspondem a produção artesanal artística local, tanto erudito quanto popular, visto que esse processo foi dado de modo intencional como forma de incentivar essas produções e difundir conhecimento e muitos dos objetos são produção da própria Universidade com participação social para além da comunidade acadêmica.

Nem todas as peças do acervo correspondem a coleções. Sabemos que o modo de aquisição dos objetos se deu a partir de doações, compra e empréstimos entre departamentos, como é o caso de muitas das peças da coleção de Belas Artes. A pesquisa possibilitou essa descoberta que até então não se tinha ciência, apesar ter um documento no arquivo que abordava esse tema.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Virgínia. **Escola de Belas Artes de Pernambuco**. In: Pesquisa Escolar. Recife: Fundação Joaquim Nabuco, 2007. Disponível em: <https://pesquisaescolar.fundaj.gov.br/pt-br/artigo/escola-de-belas-artes-de-pernambuco/>.

BREVE crônica da Escola de Belas Artes de Pernambuco. **Revista da Escola de Belas Artes de Pernambuco**, Recife, ano 1, n. 1, p. 5-12, 1957.

GALVÃO, Joel. **Memória de uma cruzada**. Revista do Arquivo Público, Recife, n. 7-10, n. 9-12, p. 579-632, jan./dez. 1952-1956.

LUCIO, Fernando. **A destruição de um patrimônio**, 2009. Disponível em: <http://fernandolucioartecomciencia.blogspot.com.br/2009/09/destruicao-de-um-patrimonio-escola-de.html>. Acesso em 02/05/2019.

Documentos primários

CATÁLOGO DEC 1974.

CATÁLOGO DEC, 1994.

CERTIDÃO DE COMPRA, livro 201, folhas 08v/12v 1958.

COMISSÃO DE AVALIAÇÃO DAS OBRAS DE ARTE, VOLUME 05, 2004

DOCUMENTO DE TRANSFERÊNCIA DE ACERVO, 1979.

FUNDARPE, PROCESSO DE TOMBAMENTO 1.025/80, FL 52 e 53.

LITERATURA DE CORDEL: UM FAZER POPULAR A CAMINHO DA SALA DE AULA.

OFÍCIO 2554, 1977.

OFÍCIO N°44/77 DEC Recife, 26 de julho de 1977.

PLANO DE TRABALHO DO DEPARTAMENTO DE EXTENSÃO CULTURAL, Moisés Andrade, 1994.

PRESTAÇÃO DE CONTAS, ofício 64/DEc/67-19467.

RELATÓRIO DEC, 1997.

RELATÓRIO DIRETORIA DE EXTENSÃO CULTURAL, RECIFE 2016

Relatório do Centro de Arte e Comunicação 1979

TERMO DE RESPONSABILIDADE PROVISÓRIO 62/77

TERMO DE RESPONSABILIDADE PROVISÓRIO 62/77

UNIVERSIDADE DO RECIFE, portaria nº2, de 6 de fevereiro de 1962

Jornais

DIARIO DE PERNAMBUCO, EDUCAÇÃO, PÁGINA 8, RECIFE ,22 DE JULHO DE 1977

DIARIO DE PERNAMBUCO, LOCAL E ESTADUAL, PRIMEIRO CADERNO, PÁGINA 7, 16 DE JUNHO DE 1976.

DIARIO DE PERNAMBUCO, LOCAL, PÁGINA A-16, RECIFE 8 DE JULHO DE 1979.

DIARIO DE PERNAMBUCO, Recife, 19 DE Agosto de 1952.

JORNAL DA SEMANA DO RECIFE, 20 de maio, 1973. APUD: SUASSUNA Ariano, *o movimento armorial*, Recife, 1974.

JORNAL PEQUENO, Recife 23 de março de 1946 p. 5)

JORNAL UNIVERSITÁRIO, suplemento especial, outubro de 1977.